



ESHOJE

25

ANOS DE
ESPÍRITO
SANTO

Fundado em 19 de julho de 2000
por Carlos Roberto Coutinho

Vitória, 8 de junho de 2026)) Ano XXV)) Nº 1315
Edição Gratuita Diário)) www.eshoje.com.br

[/eshoje](#) [@eshoje](#) [eshoje](#) [eshoje](#)

DIVULGAÇÃO

ARTIGO

Melhorar a qualidade da entrega pública ou apenas se é possível reduzir?)) 2



CULTURA

Artista promove costura sensível entre o registro histórico e a fabulação)) 4



DIVULGAÇÃO

ES entra em período seco com déficit hídrico

Os 31 municípios monitorados pelo Incaper registraram saldo negativo em maio; calor e falta de chuva acendem alerta para agricultura e risco de incêndios)) 3

ESHOJE



ANTONIO TUCCILIO

Eficiência de verdade não nasce de cortes

Nos últimos anos, o Brasil passou a discutir reformas e medidas de ajuste com frequência quase permanente. Mudam os nomes, mudam os governos, mas a promessa é semelhante, reduzir custos para tornar o Estado mais eficiente. O debate, porém, costuma partir de uma simplificação. Reduz-se eficiência ao tamanho da despesa, como se gastar menos fosse, por si só, sinônimo de funcionar melhor.

Esse enquadramento altera o foco da discussão. Em vez de perguntar como melhorar a qualidade da entrega pública, passa-se a discutir apenas quanto é possível reduzir. O centro deixa de ser desempenho institucional e passa a ser compressão orçamentária. O resultado é um debate que mede o esforço pelo corte realizado, e não pela capacidade construída.

Reformas administrativas voltaram ao centro desse cenário, acompanhadas de termos como transformação digital e governança. No entanto, moderniza-

ção não se resume a reorganizar normas ou ajustar estruturas formais. A eficiência de um órgão depende da qualidade dos seus processos internos, da integração de dados, da clareza de fluxos decisórios e da forma como o orçamento é planejado e executado ao longo do tempo.

Quando o foco recai apenas sobre o custo imediato, a análise ignora o efeito acumulado das decisões. A redução pontual pode aliviar pressões momentâneas, mas não garante melhoria operacional. Se a capacidade administrativa é fragilizada, o

Estado pode até gastar menos por um período, mas tende a entregar menos e a enfrentar dificuldades crescentes para responder a demandas sociais.

Esse efeito não aparece de forma abrupta. Ele se manifesta na forma de filas que se alongam, políticas que perdem consistência, falhas que geram judicialização e necessidade de soluções emergenciais mais onerosas. O problema deixa de ser apenas fiscal e passa a ser estrutural, porque compromete a previsibilidade e a estabilidade do serviço público.

Eficiência, nesse contexto, não é um movimento de retração, mas de organização. Envolve planejamento de médio e longo prazo, racionalização de processos, uso responsável de tecnologia e gestão orçamentária consistente. Sem esse conjunto, qualquer discurso de modernização corre o risco de se limitar à retórica.

A CNSP acompanha esse debate porque ele impacta diretamente o funcionamento do Estado e a capacidade de prestação de serviços à população. O servidor integra a engrenagem

que sustenta essa estrutura e atua diariamente na execução das políticas públicas.

Por isso, a discussão sobre reformas precisa avançar além da lógica imediata do corte. O foco deve estar na solidez institucional e na qualidade da entrega. Redução de despesas pode ser parte do cenário fiscal, mas não pode ser confundida com eficiência. Quando o ajuste substitui a estratégia, o resultado tende a ser um Estado mais vulnerável, com menor capacidade de resposta e custos que reaparecem no futuro.

Somos diário. Seja no impresso ou no digital

Aqui você realiza, no melhor preço de mercado, a sua publicação legal.



ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
danihcoutinho@eshoje.com.br





PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Boueri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
Thierry Khalil
PH Caetano
Mary Martins

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Seca avança no ES e acende alerta no Norte

Maio consolidou o período seco no Estado com chuvas escassas e temperaturas elevadas

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

O Espírito Santo encerrou maio de 2026 com um cenário de déficit hídrico generalizado. Dados divulgados pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) mostram que os 31 municípios monitorados pelo órgão registraram saldo hídrico negativo, indicando que o volume de chuva foi insuficiente para compensar a perda de água causada pela evapotranspiração. O resultado marca a consolidação do período seco no Estado e acende um alerta para os próximos meses, especialmente nas regiões Norte e Noroeste.

Segundo o balanço climático elaborado pela Coordenação de Meteorologia do Incaper, maio foi caracterizado por chuvas escassas e mal distribuídas, temperaturas ainda elevadas para o outono e taxas expressivas de evapotranspiração. Em consequência, toda a água perdida para a atmosfera superou a reposição proporcionada pelas precipitações.

Os acumulados de chuva variaram de apenas 0,2 milímetro em Viana, na Grande Vitória, até 72 milímetros em Guaçuí, no Sul do Estado. Em 21 dos 31 municípios monitorados, o volume registrado ficou abaixo de 20 milímetros durante todo o mês. Em 11 deles, a precipitação não chegou sequer a 10 milímetros, configura-



Os déficits mais severos foram observados em Itaguaçu, com saldo negativo de 114mm, seguido por São Roque do Canaã (-103,5 mm)

rando um quadro de estiagem significativa para o período.

Os déficits mais severos foram observados em Itaguaçu, com saldo negativo de 114 milímetros, seguido por São Roque do Canaã (-103,5 mm), Laranja da Terra (-103 mm), Água Doce do Norte (-100,8 mm) e Viana (-99,2 mm). Já os menores déficits ocorreram em Guaçuí (-18,9 mm), Alegre (-47,7 mm), Iconha (-47,5 mm) e Santa Teresa (-49 mm).

Norte e Noroeste mais críticos

O LEVANTAMENTO aponta que as regiões Noroeste e Norte concentram as condições mais preocupantes. Nessas áreas, a combinação de baixa precipitação, temperaturas elevadas e alta demanda atmosférica por água intensificou o processo de perda hídrica do solo. Municípios como Pedro Canário, Conceição da

Barra e Água Doce do Norte estão entre os mais impactados pelo avanço da estiagem.

Outro fator que contribuiu para o agravamento do quadro foi a evapotranspiração potencial, indicador que mede a quantidade de água que pode ser transferida do solo e da vegetação para a atmosfera. Os maiores valores foram registrados justamente nas regiões mais afetadas pela seca. Em Itaguaçu, por exemplo, a evapotranspiração alcançou 116,8 milímetros no mês, a maior do Estado.

Além da escassez de chuva, as temperaturas permaneceram acima do esperado para a época do ano. A média mensal variou entre 18,1°C, em Santa Teresa, e 24,3°C, em Linhares. As máximas chegaram a 31,8°C em Itaguaçu e a 30,4°C em São Roque do Canaã. Ao mesmo tempo, a umidade relativa do ar apresentou níveis considerados críticos em alguns municípios, favorecendo ainda mais a perda de água da vegetação e do solo.

A tendência para junho é de manutenção desse cenário. De acordo com o Atlas Climatológico do Espírito Santo, o mês marca a consolidação do período seco em todas as regiões capixa-

bas. Embora os modelos climáticos indiquem possibilidade de chuvas ligeiramente acima da média histórica, os volumes previstos permanecem baixos. Os acumulados esperados variam entre 20 e 90 milímetros, com maiores registros nas regiões Sul e Serrana e menores índices no Norte e Noroeste.

As temperaturas também devem continuar acima da média climatológica. O prognóstico aponta para máximas elevadas ao longo do mês, sobretudo nas regiões de menor altitude. As mínimas tendem a permanecer amenas, com possibilidade de episódios pontuais de frio mais intenso associados à passagem de massas de ar polar, especialmente nas áreas serranas e no Sul do Estado.

O cenário climático previsto para o trimestre entre junho e agosto exige atenção especial de produtores rurais, gestores públicos e órgãos de defesa civil. O Incaper alerta que a combinação entre pouca chuva, calor acima da média e baixa umidade pode agravar o déficit hídrico já observado em maio, aumentando os riscos para a agricultura e para o abastecimento em algumas localidades.

Incêndios preocupam

TAMBÉM CRESCE a preocupação com a ocorrência de incêndios florestais. A vegetação mais seca, associada às temperaturas elevadas e à redução da umidade do ar, cria condições favoráveis para o surgimento e a propagação de focos de incêndio, especialmente nas regiões Norte, Noroeste e Serrana.

Diante desse cenário, o Instituto recomenda o reforço do planejamento da irrigação nas propriedades rurais, o monitoramento constante dos reservatórios e mananciais e a adoção de medidas preventivas contra queimadas. Para a população, a orientação é manter a hidratação, evitar exposição prolongada ao sol nos períodos mais quentes do dia e acompanhar as atualiza-



Há preocupação com a seca e os incêndios neste período

ções meteorológicas ao longo das próximas semanas.

A expectativa dos especialistas é de que o período seco siga predominando nos próximos meses, em um contexto de neu-

tralidade climática no Oceano Pacífico, mas sob monitoramento devido à elevada probabilidade de formação de um episódio de El Niño ao longo do segundo semestre.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Ana Follador investiga a memória e o território

Capixaba articula fotografia, cinema documental e arquivos de família em narrativas visuais

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

A memória não é um bloco estático de tempo, mas uma matéria moldável, sujeita a rasuras, afetos e reinvenções. É nessa fricção entre o que permanece e o que se transforma que a artista visual capixaba Ana Follador constrói sua sólida trajetória artística. Natural de Colatina e graduada em Artes Plásticas pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Follador desenvolve uma produção marcadamente multidisciplinar. Seu trabalho entrelaça fotografia, vídeo, pesquisa de arquivo e linguagem documental para investigar temas densos e universais, como a infância, a territorialidade e as complexas dinâmicas do esquecimento.

O ponto de partida de suas criações frequentemente reside no íntimo universo dos acervos familiares. Fotografias antigas, cartas e fragmentos de registros pessoais deixam de ser meras recordações guardadas em gavetas para se transformarem em potentes dispositivos poéticos. Ao reorganizar e tencionar essas imagens, a artista promove uma costura sensível entre o registro histórico e a fabulação, convidando o espectador a refletir sobre o próprio pertencimento. O álbum de família, sob sua ótica, ganha o status de do-

FOTOS: DIVULGAÇÃO



“Ponto fundamental dos meus trabalhos: as presenças, tanto quanto as ausências”



Os resgates familiares fazem parte da articulação artística da artista capixaba, Ana Follador

cumento coletivo e sensível sobre a identidade.

Com uma circulação expressiva no circuito artístico, Follador já apresentou suas investigações visuais em importantes mostras e exposições coletivas pelo país. Ao conversar com ES Hoje, ela falou de seus trabalhos que ocuparam espaços culturais de relevância no Espírito Santo e no Rio de Janeiro, como a Galeria de Arte e Pesquisa, o Museu do Pescador, o Centro Cultural Justiça Federal e o Centro Municipal de Arte Hélio Oiticica.

ES Hoje: Como os álbuns de família influenciam sua pesquisa?

Ana Follador: Minha pesquisa surgiu de uma questão muito pessoal. Durante a infância, fui atravessada pelo abandono parental afetivo e passei a morar em

casas diferentes até me estabelecer na casa dos meus avós. Esse ciclo me custou algumas memórias, que desapareceram da minha infância. Recordo de, quando criança, puxar um banco e arrastá-lo em frente ao guarda-roupa da minha avó para alcançar a prateleira mais alta, onde ficavam guardados os retratos de família. Era um hábito bastante recorrente, até o momento de ser proibida de acessá-los. Mais tarde, durante o processo de construção dos meus trabalhos artísticos, o álbum de família retorna e passa a desempenhar um papel fundamental de rememoração, analisando o que as imagens podem me oferecer de um vislumbre sobre o meu passado no presente. Esse é o ponto fundamental dos meus trabalhos: as presenças, tanto quanto as ausências.

Como você trabalha a relação entre fotografia documental e fabulação?

Fotos fornecem um testemunho, mas não são a verdade em si, porque recortam e limitam o conceito de “real”. Por isso, as ausências são também evidenciadas nas minhas obras, como na “a primeira vez que acreditei que você me amava foi em um dia nublado que nunca chegou”, que foi exibida na GAP-UFES e na Galeria do Centro de Arte da UFF. Na minha trajetória, a fabulação só passou a existir porque eu trabalhei, e ainda trabalho, com a fotografia documental. Ao revisar o álbum de família, eu não posso pressupor que a imagem é uma representação completa do real, então a fabulação cria novas narrativas. Trata-se de um modo de criação que reinterpre-

ta as ausências e as presenças representadas nessas imagens.

O que a realização de “Ma’enduara” trouxe para sua visão sobre território e imagem?

O média-metragem “Ma’enduara” surgiu do Coletivo Ma’enduara, formado por artistas voluntários, indígenas e não indígenas, e documenta uma história coletiva por meio de memórias de indivíduos pertencentes ao Território Indígena Tupinikim-Guarani, em Aracruz. Fui convidada a participar do coletivo por Wellington Íybatatupã de Lima Ferreira, atuando como diretora de fotografia e montadora. O meu trabalho mais recente intitulado de “tinho passado os últimos meses pensando sobre os retornos [2]”, uma videoinstalação que estreia dia 2 de junho na GAP-UFES, começou a ser elaborado durante as filmagens do documentário.

Como foi esse processo?

Eu fazia o trajeto Vitória x Aracruz pelas margens do mar, passando pelas cidades de Serra e Fundão. Durante esse trajeto, a nova obra se estruturou a partir das recordações que emergiram ao visitar esse local presente na minha infância. Ainda este ano, retorno a pensar memória, infância e território de forma coletiva, compreendendo nesse processo um caminho de elaboração visual fundamentada no que atravessa e afeta outros corpos. Recentemente, ministrei a oficina “Fabular novas imagens” no SESC Cachoeiro de Itapemirim para pessoas 60+. Elaborei também a residência artística “Margem de terra”, aprovada no edital Rubem Braga. Para este projeto convidei as artistas Jessica Barcellos Bastos, Jéssica Sampaio e Yurie Yaginuma para desenvolverem, junto comigo e com a mentora Thais Graciotti, trabalhos que dialoguem memória e território capixaba como tema central.

“Ma’enduara” documenta uma história coletiva por meio de memórias de indivíduos pertencentes ao Território Indígena Tupinikim-Guarani”